

O CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS

FERNANDO DE VILHENA

1891-15 DE JUNHO-1892

Eil-ol! Da região das sombras des-taca-se aquelle vulto sympathico, como que se fosse possível, soerguer-se do tumulo o que n'elle repousa ha já um anno! Como se o pé do Christo viesse bater mais uma vez sobre a louca que cobria o novo Lazaro, restituindo-o á vida, á imitação do que se passou com o filho da viuva de Nabim! Como se o amor que lhe tinham na terra, como pilha de Wolta, pudesse agitar o cadáver que desapareceu para todo o sempre d'este pélagio de paixões chamado mundo! Como se a existencia n'este leito de Procusto não fosse o crisol onde se depuram as almas, para depois de unidas pelo martyrio subirem ao seio immenso de Deus! Como se para os que ficam não houvesse a saudade, que é a suprema consolação no meio da treva, enfraquecendo com as recordações do passado as tristezas do presente, e tornando menos dolorosas as desiluzões do porvir!

Eil-ol! O pó ficou encerrado no recinto funereo, assombreado pela ramaria dos cyprestes, onde á noite o clarão dos fogos fatuos alumia a espessa e os vapores que provém da morte, onde o silencio dos tumulos é perturbado apenas pelo frémito da aragem, que perpassa através das roseiras debruçadas sobre as lapides, ou pelo canto das aves, que vão alli a deshoras soltar os seus hymnos plangentes.

Mas a imagem do extinto, o que n'elle havia de immortal, levanta-se pura, inalteravel, com os tons com que se perfuma a mocidade, com os affectos que vão além da campã, não podendo o tempo nem a distancia apagar a da memoria nem do coração dos seus amigos.

Ha para todos a saudade... E que é a saudade senão a força do sentimento que levanta imagens e altares, para que a religião do passado se perpetue, para que entre a vida e a morte se estabeleça a cadeia, que não se desolda porque é eterna, que não tem solução de continuidade porque é intangivel, que não esmorece nem se oblitera porque se inspira no amor que resiste a todas as provações e como que se vae acenando de geração em geração?

Fernando de Vilhena! A morte não é o esquecimento, porque ha para o contrario e reduzir a saudade, que é o laço que prende e vincula as almas generosas. O vulto do teu corpo desapareceu da face da terra, mas as recordações do que foste existem ainda bem nitidas na memoria de todos nós, que te estimavamos e que apreciavamos sem inveja, antes com louvor, os teus talentos, folgando de vel-os desenvolver-se a par dos affectos consagrados á familia.

Lisboa 15 de junho de 92.
J. E. D'ALMEIDA VILHENA.

O que hei-de eu dizer d'elle, se elle foi sempre para mim o meu melhor amigo, e em sempre o considerei como meu irmão?

Eu nunca vi ninguem mais doce de palavra e de caracter, mais claro de olhar e de intelligencia, mais aberto de gesto e de coração. Tudo n'elle era igual, e n'isso consistia o mais extraordinario da sua individualidade.

Era tão perspicaz como bondoso, tão sincero como habil, tão generoso como justo, tão leal amigo como adversario, tão diligente como affavel, tão sympathico de physionomia como de sentimentos, tão portento de talento como de modestia, tão singular no arrojado da iniciativa, como na humildade da acção.

Aprendia e executava o que queria, com a mesma promptidão com que sacrificava todas as energias do seu espirito no conselho dos amigos ou á lição dos mestres.

Igualmente forte e docil, impunha-se por igual ao respeito e ao affecto de todos.

Ninguem o odiava—absolutamente ninguem. Amavam-no todos como quem ama uma creança, e no mesmo tempo o respeitavam todos como quem respeita um superior. Chegava a parecer contradictoria esta sua feição original—córção ingenho e infantil, e intelligencia adulta e prodigiosa.

Nunca o esqueceréi: nunca o esquecerá quem uma vez o viu e o conheceu.
Lisboa 15 de junho de 1892.
BARBOSA DE MAGALHÃES.

Sobre o tumulo de Fernando de Vilhena só devem cair lagrimas e flores, as flores da amizade e as lagrimas da saudade e do amor. Tive sempre por este excellentes rapaz uma estima sincera e cordal. Até nas locuções do seu talento, nas excentricidades do seu espirito e nas inflexões da sua vida, eu reconhecia todas as acendezas d'uma alma boa e generosa. Todas as severidades das apreciações apaixonadas, e todos os arremessos nascidos da lucta constante, em que elle andou envolvido, devem ter se extinto deante da modesta sepultura que recebeu o cadaver do que foi um combatente infeliz e leal, e uma intelligencia vigorosa, duclil e prestante. No tumulo de Fernando de Vilhena não projectam sombras os odios antigos e creus, mas cabem, serenas e merecidas, as flores da amizade e as lagrimas da saudade e do amor.

Agueda, 15 de junho de 92.
ALBANO DE MELLO.

Frequentava eu o terceiro anno de direito, quando fui de Coimbra a Aveiro com outros academicos, quasi todos condiscipulos, tomar parte n'um sarau dramatico em beneficio dos irmãos Munnés, a quem as tempestades politicas da visinha Hespanha tinham atrido d'uma posição elevada ao horror da emigración.

Eram duas figuras distinctas e duas vezes excellentes. A parte um pouco de estrabismo, que muitas pessoas diziam ficar-lhes o matar, ella era uma mulher distincta. Elle era um bello moço então, cheio de talento e no vigor da vida.

Entrando em Portugal, o seu excellentes comportamento e as suas maneiras fidalgas crearam-lhes verdadeiras sympathias, mormente entre a academia de Coimbra, cidade onde residiram mais tempo, e onde travei conhecimento com elles.

Um dia os dois irmãos estenderam as suas digressões até á patria de José Estevão. Uma vez ahí, D. João Munné deixou-se prender do olhar sereno e doce d'uma triçana formosa, e, despoisando-a, teceu o seu ninho á beira-mar. Pouco depois a irmã casou também, voltando á Hespanha, ou indo residir com o marido para a fronteira.

Alguns annos mais tarde D. João adoeceu; fugiu-lhe a voz e com ella a fortuna, que começou de correr-lhe varia, até que um dia, velho, cheio de familia, quasi cego, levantou arraias para ir morrer pobre e ignorado entre o bulício enorme da capital, que parecia chamal-o ha muito.

Foi nos primeiros indícios d'uma miseria, que se aproximava, que alguns dos amigos que deixara entre os estudantes da Universidade lhe acudiram presurosos, acreditando levar-lhe a felicidade, como se o tufão da desgraça se podesse empecer no seu caminho desbrido.

N'aquelle noite a enchie era completa no velho theatro da rua do Rato, ojeos camarotes se encontravam repletos de mulheres encantadoras, como a beira-mar as possue, no passo que as galarias regorgitavam de tricanas de formosura estonteadora, como geralmente são as filhas do Alboj, onde a origem grega se revella na elegancia das formas e na regularidade e belleza d'aquellas feições pela mór parte deslumbrantes. Choviam na scena os ramos de flores e as caméllias cruzavam-se no ar com as pombas, que, cegas pela luz da ribalta, iam cair sobre o tapete do palco.

No meio d'aquella ruidosa festa, tão sympathica pelo motivo que a originara, tão genuil pelas formosuras que a adornavam, um rapaz imberbe ainda, uma creança, mas cuja fronte desassomburada revelava um talento precoce, e cujos olhos d'infinita viveza deixavam adivinhar uma energia notavel, entrou na scena trazendo n'uma das mãos uma corça de louro com bagas d'ouro, e na outra um exemplar impresso em setim d'uma poesia sua, que recitou.

Sahiram-lhe tremulas as primeiras estrophes, mas a pouco e pouco, a sua voz, erguendo-se, tomou inflexões certas e seguras.

Os versos limpídeos e sonoros, as rimas fúceis, vestiam um pensamento delicado, mas havia alli alguma cousa

de doloroso e triste, que parecia devassar-se ao longe como a magoa profunda que se presente ao ouvir a musica de Wagner.

Ao escutar aquella creança, diria-se que os seus labios sorriam no mesmo tempo que o seu coração chorava. Sonhava? Não sei. Nem sei mesmo se o despertariam os applausos profundos do publico, que o escutou, que o viu afinal sereno e triste, como se em torno d'elle nada se houvesse passado.

Esse rapaz imberbe ainda, essa creança que, todavia, revellava um talento gigante e que se fazia applaudir freneticamente por uma plateia enorme, era Fernando de Vilhena.

N'essa noite ainda conversámos largamente. Passámos em revista poeticos antigos e modernos. Recitaram-se versos de João de Deus, *dolores* de Camposamor e o soneto d'Arvers. Por ultimo, ao separarmos-nos, lembrei-lhe que o estudo e a persistencia o tornariam, certamente, no futuro, um lyrico distincto, e lembro-me bem de ouvir-lhe dizer então:

—Será assim, meu bom amigo; mas ha na minha alma de creança um vacuo enorme. Procuro o ar e a luz, e onde os da minha idade presentem a ventura e a gloria, antevejo eu para mim a escuridão d'um tumulo.

Passaram-se annos e já quasi me não recordava d'aquellas ephemeras glorias de uma noite, que tanto me entusiasmavam em rapaz, nem da nota dolorosa com que aquella creança havia fecho a nossa primeira conversação, quando em desempenho de missão official voltei a Aveiro e apenas desci á gare, avistei Fernando de Vilhena

entre as pessoas que me esperavam. Já não era o mesmo rapaz imberbe. Era um bello moço robusto e forte, creado pelo sol da praia e fortalecido pelo ar do Atlantico.

Recordaram-me então as suas ultimas palavras e não pude deixar de perguntar-lhe se pensava ainda como quando conversavamos entre os bastidores a desabar do velho theatro da rua do Rato.

—Hoje como então, meu amigo, por que o futuro me apparece ainda tão escuro como quando ha annos nos encontramos?

Foi esta a sua resposta, e era ella um presagio!

Durante oito annos que me conservei em Aveiro, vi-o lidando sempre, e sempre vigoroso no pensamento, activo no trabalho e forte na lucta.

Os seus dramas—*Deus e o Destino*—*Os Filhos do Mar*—*O Anjo da Caridade*—os seus livros de versos—*Murmúrios d'alma* e *O crime d'uma creança*—suceederam-se com pequenos intervallos, preenchidos ainda por poesias soltas e artigos de combate, e revelaram em Fernando de Vilhena um escriptor adoravel. Mais tarde o seu jornal—*A Beira-Mar*—a mór parte das vezes, senão sempre, por elle escripto da primeira á ultima linha, mostraram-n'o um publicista aprecivel, um observador consciencioso, uma intelligencia clara, e sobretudo um luctador energico.

E foi n'essa lucta que se lhe esvaui a vida!

Quando a ventura começava a sorrir-lhe e o archanjo da gloria o buscava para abrigal-o sob as suas azas de neve, frente pelo canção, pendeu um dia a ventro nos braços da esposa, que idolatrava, para resvalar á campã na flor da vida.

Era bem verdade, que onde as creanças da sua idade presentiam a ventura e a gloria, antevia Fernando de Vilhena para si um tumulo!...

Vieira, 12-6-92.
CEZAR DE SÁ.

Mancebo infeliz, que é feito d'esses sorrisos, que despontaram em teu berço, quando festejado pelas paternas caricias? Para onde foram as esperanças flores, que rapidas desabrochavam em mimosos fructos, no decorrer da tua existencia?...

Fernando de Vilhena era o anjo protector do seu lar, a gloria de seus

progenitores, o enlevo de seus concidadãos. Cofre d'affectos seu coração, tihna-os n'elle de sobra para todos os que se lhe avizinham, e colhendo as sympathias por suas maneiras attractivas, bonnacosos se lhe escorram os annos no viver intimo da familia e no seu meio social, mas por vezes se despertariam os applausos profundos do publico, que o escutou, que o viu afinal sereno e triste, como se em torno d'elle nada se houvesse passado.

Desde a infancia dado ás letras, seus amores predilectos, se em prosa eloquente e incisiva luctava sem descanço em prol da patria e a bem dos desvalidos, a ponto de ir arrancar-os ás garras do oceano enfurecido, tam-

pressamente dedicado pela gratidão d'um povo bom, ao nome glorioso de um dos seus mais prestantes e estremecidos filhos. E' este o meu dever, e quero cumpril-o. Se as forças me auxiliarem a vontade, escreveréi a sua biographia, enaltecendo as suas virtudes, que eram muitas; assim, limite-me-lhe a registrar aqui a minha profunda saudade, a minha eterna dor, dor sem termo, sem alivio, por Aquelle que foi tão meu amigo e a quem estimei sempre como se fosse quasi meu Pai.

Lisboa, 12-6-92.
JOSÉ MARIA DE VILHENA BARBOSA DE MAGALHÃES.

Conheci Fernando de Vilhena em Coimbra, n'uma epoca de exaões. Elle era então uma creança, e eu não seria muito mais velho...

Tratava-se de uma palestra sobre litteratura portugueza ou coisa que o valha, sendo elle examinando e eu examinador.

Não sei qual de nós tomava então mais gosto pelo assumpto: o que sei é que ficámos ambos approvados, elle por mim, e eu por elle.

Sabimos d'alli estimando-nos. A tarde, Fernando de Vilhena foi procurar-me, ofereceu-me um livro de versos que tinha publicado, contou-me os seus sonhos, os seus planos, as suas phantasias cor de rosa.

Pobre moço! não contava com a morte, a negra ceifeira, que até destroua as cenizas em flor...

Lisboa, 11-6-92.
ALBERTO PIMENTEL.

São os espiritos entusiasmados, d'onde partem as iniciativas. Quem rompe a inercia, em que muitos, que mais podem, se deixam adormecer, a inercia, que é o defeito das nossas classes dirigentes, move-nos á sympathia, e tem direito ao nosso reconhecimento.

A cidade d'Aveiro deve estar grata á memoria de Fernando de Vilhena pelo seu arbor excepcional em querer total-a de um progresso, que a tornaria uma das mais ricas de Portugal.

Fallo das creações de peixe, para as quaes está naturalmente predisposta.

Em 1873 pediu-se a concessão de uma parte da ria, e foi offerecido ao governo o estabelecimento de uma piscicultura-modelo. Nada se realisou.

Posteriormente, em 1886, se não me engano, Fernando de Vilhena, no mesmo empenho, relacionou-se com as empresas estrangeiras d'esse ramo d'industria—foram salientes os seus esforços, sentia-se n'elles o entusiasmo de um grande desejo, o amor da sua terra, por certo, que o animava.

—Não pode ella deixar de o reconhecer, e é justo que esteja sandosa de quem promoviu os seus interesses.

Ovar—junho de 92.
LOURENÇO D'ALMEIDA E MEDEIROS.

Era uma organização especial de trabalhador intellecto. Era uma grande capacidade intelectual, um lutador austero, um combatente andaz e forte, sempre vencedor, sempre victorioso e jamais vencido nas escabrosas luctas da imprensa. Ninguem ainda escreveu melhor, com tanta facilidade, com tanta nobreza e tão vigorosa argumentação. Tem artigos soberbos, d'uma arrogancia impressionavel, d'uma verdade indelivel, d'uma energia suprema e d'uma concepção maravilhosa—superior.

Acompanhando os progressos da arte e da sciencia, foi um litterato de fina tempera, um dramaturgo apaixonado, um homem de sciencia como poucos, mas sobre tudo um jornalista de primeira grandezza.

A imprensa era a sua tribuna. A pena era a sua arma de combate.

Atacando a fundo, com botes certos e inclementes, era invencivel, era um heroe.

Sempre ao lado do mais fraco, porque a grandezza da sua alma não tinha limites, o valente e arrojado luctador era a mais augusta encarnação do trabalhador moderno, consagrando os seus vastissimos recursos á causa sym-

Tambem eu, que nunca escrevi em jornaes, venho prestar o meu culto de amor e de saudade á memoria de meu querido e chorado Tio, n'este n.º ex-

pressamente dedicado pela gratidão d'um povo bom, ao nome glorioso de um dos seus mais prestantes e estremecidos filhos. E' este o meu dever, e quero cumpril-o. Se as forças me auxiliarem a vontade, escreveréi a sua biographia, enaltecendo as suas virtudes, que eram muitas; assim, limite-me-lhe a registrar aqui a minha profunda saudade, a minha eterna dor, dor sem termo, sem alivio, por Aquelle que foi tão meu amigo e a quem estimei sempre como se fosse quasi meu Pai.

Lisboa, 12-6-92.
JOSÉ MARIA DE VILHENA BARBOSA DE MAGALHÃES.

Conheci Fernando de Vilhena em Coimbra, n'uma epoca de exaões. Elle era então uma creança, e eu não seria muito mais velho...

Tratava-se de uma palestra sobre litteratura portugueza ou coisa que o valha, sendo elle examinando e eu examinador.

Não sei qual de nós tomava então mais gosto pelo assumpto: o que sei é que ficámos ambos approvados, elle por mim, e eu por elle.

Sabimos d'alli estimando-nos. A tarde, Fernando de Vilhena foi procurar-me, ofereceu-me um livro de versos que tinha publicado, contou-me os seus sonhos, os seus planos, as suas phantasias cor de rosa.

Pobre moço! não contava com a morte, a negra ceifeira, que até destroua as cenizas em flor...

Lisboa, 11-6-92.
ALBERTO PIMENTEL.

São os espiritos entusiasmados, d'onde partem as iniciativas. Quem rompe a inercia, em que muitos, que mais podem, se deixam adormecer, a inercia, que é o defeito das nossas classes dirigentes, move-nos á sympathia, e tem direito ao nosso reconhecimento.

A cidade d'Aveiro deve estar grata á memoria de Fernando de Vilhena pelo seu arbor excepcional em querer total-a de um progresso, que a tornaria uma das mais ricas de Portugal.

Fallo das creações de peixe, para as quaes está naturalmente predisposta.

Em 1873 pediu-se a concessão de uma parte da ria, e foi offerecido ao governo o estabelecimento de uma piscicultura-modelo. Nada se realisou.

Posteriormente, em 1886, se não me engano, Fernando de Vilhena, no mesmo empenho, relacionou-se com as empresas estrangeiras d'esse ramo d'industria—foram salientes os seus esforços, sentia-se n'elles o entusiasmo de um grande desejo, o amor da sua terra, por certo, que o animava.

—Não pode ella deixar de o reconhecer, e é justo que esteja sandosa de quem promoviu os seus interesses.

Ovar—junho de 92.
LOURENÇO D'ALMEIDA E MEDEIROS.

Era uma organização especial de trabalhador intellecto. Era uma grande capacidade intelectual, um lutador austero, um combatente andaz e forte, sempre vencedor, sempre victorioso e jamais vencido nas escabrosas luctas da imprensa. Ninguem ainda escreveu melhor, com tanta facilidade, com tanta nobreza e tão vigorosa argumentação. Tem artigos soberbos, d'uma arrogancia impressionavel, d'uma verdade indelivel, d'uma energia suprema e d'uma concepção maravilhosa—superior.

Acompanhando os progressos da arte e da sciencia, foi um litterato de fina tempera, um dramaturgo apaixonado, um homem de sciencia como poucos, mas sobre tudo um jornalista de primeira grandezza.

A imprensa era a sua tribuna. A pena era a sua arma de combate.

Atacando a fundo, com botes certos e inclementes, era invencivel, era um heroe.

Sempre ao lado do mais fraco, porque a grandezza da sua alma não tinha limites, o valente e arrojado luctador era a mais augusta encarnação do trabalhador moderno, consagrando os seus vastissimos recursos á causa sym-

Tambem eu, que nunca escrevi em jornaes, venho prestar o meu culto de amor e de saudade á memoria de meu querido e chorado Tio, n'este n.º ex-

pathica dos desprotegidos e dos desventurados.

Foi um martyr do soffrimento. Não o merecia. Mas a Providencia tem, de certo, compensado o seu penosissimo soffrer, porque premia sempre as virtudes dos bons.

Foi um maldadado da existencia. Mas os seus mais encarnicados inimigos confessaram-lhe os primores do coração e as excellencias do seu talento.

Foi um verdadeiro apostolo da civilização e do progresso. Foi um advogado valoroso e desinteressado de todas as regalías e direitos populares. Foi um crente, foi um benemerito, foi um privilegiado, e foi uma gloria do seu paiz.

Foi um grande coração, foi uma grande intelligencia, foi uma grande espirito emprehendedor, e foi uma grande alma generosa.

Que maiores titulos podia reservar-lhe a posteridade? O seu grande elogio está na acção que desenvolveu sobre a terra.

E' a Justica que lhe faz a apothecose. E' a Historia que lhe perpetua o nome.
Lisboa, 10-6-92.
C. DE ABREU.

Faz hoje um anno que se extinguiu para sempre um infeliz, que n'esta terra deixou dedicados amigos e um resto de sympathia pelo seu tivo infortuno.

Fernando de Vilhena falleceu na flor da vida; a sua memoria como a estatua de Memnon que aos raios de sol vibrava doces harmonias, hoje, como no dia do seu passamento, estremece-nos e commove-nos.

A morte abre deante de si uma infinidade de problemas insolúveis por em quanto, e—quem sabe?—talvez insolúveis no homem perante a eternidade dos seculos.

Que importa a saudade dos vivos? De que valem as lagrimas dos que gemem em face do atáide?

Que acervo inutil de cogitações, d'era em era, tem escandecido o cerebro dos philosophos na resolução d'esta grave pergunta—o que se passa *au-delá*?

Quantos teem adoecido em volta d'esta interrogação triste, que está perpetuamente de pé?

Os philanthropos, na sua philantropia ostentosa de caridade, os verdadeiros amigos dos miseraveis, todos elles se curvam a um *quid* terrível, que os obedia em responsabilidades.

Uns por medo do Eterno, esse eterno fanal, que nos alumia como esperança n'um mar de trevas, precipitam-se a emendar a vida errada, e entregam-se á prece, ás dadas minusculas (quasi sempre) e á attrição.

Outros, cumpungidos pela desgraça, que brame em volta d'elles, dedicam-se ao proximo n'um culto mais levantado, mas d'esses a legião bendita é infelizmente menor.

O que se occulta nas regiões cercadas e mysteriosas d'alem-tumulo?

O nada?

De modo algum.

Os mais estrenuos materialistas com Buchner á frente, proclamam a *immortalidade da força, a perennidade da materia*, em virtude das quaes nada se perde, tudo se transforma.

Nesta mole immensa do universo tudo obedece a leis preestabelecidas. O calinho funde e accendura, mistura, combina, assoalha, encorpora umas vezes, evola outras, mas nem um atomo sequer se perde.

Nesta desordem apparente, que presenciamos com medo, com tedio, ou com horror, ha laços, que lhe imprimem caracter e harmonia.

Protendiamos divinizar-nos, fazer das nossas frageis e contingentes personalidades uma dynastia de seres privilegiados, presidindo á criação. As florestas eram para nos aquecermos, os animaes para nossa utilidade, todas as forças do systema dos mundos eram postos no nosso serviço, as estrellas, que entreluzem no firmamento estavam alli para esmaltarem a nossa poesia, o luar figurava no quadro como uma bella tinta que apreciavamos, o sol era para nos allumiar de proposito; tudo era nosso; o proprio Deus ficava sendo uma aspiração nossa, e um esplendido ornato nos nossos templos.

Felizmente ruio este monumento

de vangloria e d'amor-proprio. Somos uns insignificantes animaculos, que na crosta da terra esfervilhamos açodados, jactanciosos, n'uma negra lucta desesperada pela commodidade.

Perante o Omnipotente, essa ideia immarcescivel d'um sonho, mytho, ou extraordinaria realidade, todo o universo se confunde n'um dilúvio de bençãos. Aos seus pés tanto vne, por certo, o grão d'arceia, que se desprezda da montanha e desceu revolto nas agnas da corrente até á orla do oceano, como o leão magestoso no seu imperio de juncaes, como o proprio homem, mais felizmente dotado, que se julga senhor absoluto da terra.

O remorso, que punge o criminoso, semelhante a um cilicio entevengado, traduz esta visão d'um mundo melhor.

O *nirvana* budhista, essa quietude preguica d'alma e corpo, é ainda o augeo vehemente do espirito para uma infinita mansão sem dor.

Faz parte integrante essencial dos nossos desejos a fé em dias melhores, paraíso sempre risinho povoado d'anjos, de cantares, de harmonias, e de flores, e a saudade que nos alanceia e martyria quando nos recordamos de entes estremecidos, que desceram á escuridão da sepultura, deixando-nos errantes e inconsolaveis n'esta charneca dolorida, obriga-nos a crer que nos encontramos ainda conhecidos n'uma encarnação de puro amor, e essas plagas ignotas da Eternidade.

Com esta simples ideia resignamennos, e podemos todos encerrar a morte, essa medonha esphinge, sem pallor, e até com alegre coragem.
Aveiro, 15 de junho de 1892.
MELLO FREITAS.

Fez falta, e esta falta, que é enorme, não a sentiu só a familia, que o adorava e os amigos que o estimavam, sentiu-a principalmente esta terra que lhe foi berço e que elle amava muito, muito.

Para Fernando de Vilhena, o seu Aveiro, era um dos mais queridos ideaes; elle occupava se não o primeiro pelo menos o segundo logar no seu grande coração.

A sua formosissima intelligencia esteve sempre no serviço da sua terra, por quem sacrificou o descanso, a saúde, e portanto a vida, como sacrificaria tambem com igual despreheendimento a fortuna se a tivesse. Quando se tratava de pugnar por qualquer interesse local offendido, ou pugnar por algum melhoramento do seu Aveiro, era o primeiro a soltar o grito de alarme, ou a advogar com um interesse e dedicação sem precedentes a causa que sempre se lhe afigurava nobre e santa, porque era a da sua terra.

E' por isto que Aveiro sentiu mais do que ninguem a falta de Fernando de Vilhena, e que hoje, passado um anno sob o seu passamento, verte ainda lagrimas de tal forma sentidas, como se esse tristissimo successo se houvesse dado ha poucas horas apenas.
15 de junho de 92.
MARQUES GOMES.

mos, que roubam a alma humana a porção mais luminosa e casta que n'ella existe, por entre esta brutal, miserável indiferença que esterilha, amortece e apaga todos os nobres sentimentos de amor e de justiça, e consolador, é suave, é grato ver que ainda ha quem volta olhar saudoso para os que já não são d'este mundo, e abrindo de par em par essa ampla e larga janella que dá para o azul, para a immanidade, para o infinito, olha, com os olhos de alma, para esses mundos espirituais, onde moram os nossos bem amados, aquelles por quem a nossa alma chora e o nosso coração suspira...

Não, não morrem os que na vida representaram uma força ou trabalharam por um principio, ou se esforçaram por um ideal. Só morrem os inuteis, os vulgares, os egoistas e os desleaes. Sobre esses é que a tampa sepulchral cae pesadamente, escurando-lhes para sempre corpo e espirito.

Os que, como o nosso saudoso Fernando, assentaram na vida, n'um equilibrio perfeito e justo, e por elle passaram, activos e fortes, generosos e leaes, trabalhando, lutando, espalhando beneficos, esses vivem e viverão sempre, na nossa memoria para os amarmos, na nossa alma para os seguirmos...

Porto—Junho de 1892.
FERNANDO PEREIRA.

Quando eu estive em Aveiro—ha que anno isto vai—era Fernando de Vilhena o que se chama um bonito rapaz. Loiro, os olhos claros, vagos e melancolicos como o grande mar. E se não bastasse esta apparencia d'uma grande sinceridade de alma, o seu trato affavel completava-o.

Eu nunca vi quem melhor alliasse as duas grandes qualidades: talento e caracter. Porque Fernando de Vilhena era dotado de uma grande intelligencia, clarissima, lucidissima. Com ser de espirito alegre e ruidoso, conversando com elle, deixava-se a gente levar ao sabor das suas ideias, quasi sem o sentir, embaldado na suavidade da sua voz.

Ninguém havia que o não conhecesse; e n'esse obvio em que a luta das paixões domina, como, de resto, acontece em terras de provincia, elle não tinha inimigos.

Morreu novo, — uma tuberculose arrastou-o. Na sua morte, os pescadores devereo ter entoadado a ladainha sentida das suas dores,—porque elle era o pai d'essa pobre gente, gente de coração, acostumada ás grandes tragédias da agua.

Em momentos de afflictivos lances — uma companhia perdida, um navio que se partisse á entrada da barra— Fernando de Vilhena accudia, com uma rara energia e um audacioso sangue-frio, a salvar do abysmo os seus irmãos, almas gemas da sua.

Diante de tanta abnegação, eu pergunto-me muita vez, na agonia das noites trágicas, quando brava o mar e o vento silva, se não haverá um Deus que mate os impios e dê a vida aos bons. Pobre Fernando!

Lisboa—Junho de 92.
JOSÉ SARRMENTO.

E' com a mais profunda saudade, com a saudade enorme de uma dor intensissima, que hoje vou dizer algumas palavras na triste recordação de um homem que se submergiu no pélagos immenso, torturante, de uma fatalidade inextinguível. Esse homem querido, já pelos seus dotes litterarios e scientificos, já pelos sentimentos philantropicos do seu coração, chamava-se Fernando de Vilhena.

Oh! este nome é para mim, que o conheci nos dias plenos da sua gloria, a recordação da maior, da mais dolorosa saudade.

almeito conhecidos por quantos se interessam por este ramo de trabalhos, não a prova mais evidente, mais terminante e clara de que não é vulgar uma intelligencia igual á d'essa personalidade, que prestamos a apothese de da nossa amizade e da nossa admiração mais profunda e mais entusiastica. Por isso é justa esta homenagem no litterato illustre e no amigo querido.

Oh! quantas e quantas vezes o vi no silencio do seu gabinete remodelando artigos violentos, burilando poesias harmoniosissimas, synthetizando invectivas fulminantes, no momento em que scintillavam no céu as estrelas, em que cantavam no prado as colorizes, em que o luar cobria com o seu clarão de enxofre a variedade das paisagens, em que trínham os rouquinos por entre o arvoredo, em que o orvalho nocturno pendia cristalino das folhas dos arvores! E' que o seu lema era o trabalho, esta synthese de todas as idéas, da vitalidade patria, de todos os progressos, da centralisação universal.

Amante do mar, d'esse Adamastor terrível que só foi brilhante e claramente descrito em um discurso de Alves Mendes e em um livro de Michelet, Fernando de Vilhena era impetuoso como o referir das aguas no momento da procella, ou placido como o sussurrar das vagas no momento da bonanza.

Ao lado do desespero da consciencia, estava a benignidade do coração. Sempre a morte é bem contradictorial. Quando esperavamos ver o surgir com toda a pujança do seu brilho, levantando com a alavanca do seu intellecto a pedra angular da sua immortalidade, vem-o, infelizmente, baço na terrica voragem da morte mais dolorosa, e desancar eternamente n'esse campo asombroso de cypresses, onde se julgam as glorias do passado, depois de quebradas as cadeias que vinculam o homem a paixões indignamente corruptas e inhumanas!

A vehemencia dos seus artigos politicos e litterarios, a arte suggestiva dos seus trabalhos scientificos, a vibratillisação ablandada das suas poesias, fizeram-o querido da litteratura nacional. Depois de desencantados os seus partidarios com todas as suas ambições, Fernando de Vilhena surgiu com a apothese brilhante de um povo que sabe fazer justiça aos seus merecimentos. O meu nome não apparece hoje aqui para recordar um politico, porque nunca profesei a politica de Fernando de Vilhena; apparece unica e simplesmente para recordar um amigo dedicado e um escriptor illustre, que baixou á campã na primavera da vida, no momento em que principiava para elle a quadra mais ridente da sua gloria.

Ah! como ainda hoje me sinto arrebatado pela magia das suas palavras vibrantes e entusiasticas! Como ainda hoje a leitura do seu *John Bull* me desperta a lembrança de formosas diásporas! Como ainda hoje o seu *Anjo da Caridade* me traz á memoria as qualidades esplendidas da excoisa D. Maria Pia! Como ainda hoje a maviosidade das suas poesias recorda os ecos das expansões populares! Como ainda hoje os seus áttimos trabalhos sobre piscicultura attestam a superioridade do seu talento, do seu saber, e do seu patriotismo!

O espaço do *Campo das Provincias* é hoje, com especialidade, alem de diminuto, preciosissimo, porque se destina ás produções de outros escriptores, sem duvida, mais intelligentes e eruditos. Não escreveria uma linha para aqui se me convinte, que para mim é uma ordem, me não obrigasse a isso, não porque o meu espirito esteja em opposição com esta homenagem, mas por que o meu nome ha de ser, necessariamente, uma nota discordante entre produções magnificas. Ainda assim, depois de hesitar, pensei que assim como na antiguidade uma orcaçã israelita ia lançar uma simples pedra na reedificaçã das muralhas de Jerusalem, assim tambem eu, que sou o mais humilde pluvio de quantos se colligam n'esta apothese, deveria ajuntar n'este mesmo subpedaço a porcella pequenissima da minha homenagem. Ella não está lançada no grandioso edificio apothetico erguido em honra de Fernando de Vilhena. Sei que é diminuta, mas tambem sei que é a expressã da minha consciencia.

Se isto velle alguma coisa, não choro os momentos que perdi, porque Fernando de Vilhena, acima de um amigo, era um escriptor eminente e um contrraeio glorioso.

Beja—Junho de 92.
ACCACIO ROZA.

Como a natureza, tem o homem os seus intimos anniversarios.

Tambem a terra se veste de galas saudando a primavera, como o coração se gozava tambem d'outra vez, solado na voz sentida da guitarra.

Outras vezes então, nos noites preciosas, quando o vento apovava os troncos óvns, ouviam-se narrar viagens antigas, e a historia sem fim d'uns grandes capitães.

A noite, uma vez, rugia tristemente medido temporal nos cabos do navio; sentia-se a escutar dos labios d'um valente uns fellos d'isto heroico—um coão bem sombrio.

se nos enche de jubilo commemorando o natalicio dos entes que nos são dedicados: tambem os prados se despem de folhas e os valles se cobrem de sombras no appareamento do inverno, como a nossa alma se veste de crepes memorando o passamento d'aquelles que nos foram queridos.

Para os anniversarios primaverais, tem a terra por doçol os esplendores do sol, como o homem os regozijos das intimas expansões: para os anniversarios hybernyes, tem ella as nuvens e as tempestades, como o coração pos-se as angustias tão sombrias das dores resuscitadas e as lagrimas do luto que esfriou os sorrisos!

Não dobram hoje novamente os sinos nos campanarios, annunciando aos vivos a perda d'uma gloria das letras portuguezas, gloria nascente ainda, que uma precoce morte arramessou á campã: não velle hoje, como ha um anno, esse cortejo luctuoso que acompanhò á sepultura o corpo inanimado de Fernando de Vilhena; mas esse do bre e esse cortejo não estão ainda extintos na inspiração dos que lhe foram affectados, como a sua memoria não está apagada no coração dos que o amaram.

Enquanto a mim, que o estimei fervorosamente como amigo dedicado, e que o admirei como genio litterario; que tive por esse talento peregrino e por esse espirito nobremente virtuoso, essa sympathia indestructivel, que nasce da communhão de pensamentos e semelhança de sentir, não posso faltar á triste romagem do seu funebre anniversario, depondo sobre a lousa que esconde os seus despojos uma ammiradissima e saudosa lagrima d'anguo e elevando no céu pelo seu descanço uma prece religiosa, cheia de magna e de fé.

Em cinzas mal desfeitas existe o teu cadaver, enquanto os vermes do cemiterio pastam n'essa mão honrada, que te apertei na minha e se ceavam n'esse peito aberto á todo o bem.

O pó no pó voltou; mas a tua alma, purificada no crisol de muitas dores e de soffridas injusticias, deve repousar contente no seio do Creador.

O espirito viria a materia, como a memoria gloriosa que deixaste te vinga da mesquinhez dos invejosos que te feriram; e hoje, volvido um anno depois que a eternidade te reclamou o espirito, o olvido merecido anniquilou a inepeia dos que não soberam comprehender o teu engenho e as tuas virtudes, e tu vives mais distincto e mais amado nas obras do teu genio e no coarção dos teus amigos.

E esse o unico conforto que torrenemente pôde imperar n'esta solemne commemoração de luto e de amargor, em que tu, romero humilde, nada mais tenho para offerecer á tua memoria venerada do que algumas lagrimas pungentes de saudade, e algumas piedosas orações d'anguo e de christão.

Outro conforto, porém, se offerece emanado d'alma-tumulto, que vem derramar sobre as angustias dos entes que te amaram um delissimo lenitivo: o soldado e grato: esse é a quasi certeza de que, ao transporem os limites da vida miseravel d'este mundo, encontraste em compensação do premio de felicidade que a terra te negou, a ventura immarcescivel da eterna bea-venturança.

Beatis qui loquuntur...

Escoute-se um anno na voragem dos tempos, depois que se ausentou das scenas d'este mundo o mallogrado escriptor portuguez, Fernando de Vilhena. Aveiro, sua patria, pranteou sentida a infamada morte d'esse filho que a nobilitou e contribuiu para o seu lustre, pugnano com toda a pujança da sua vasta intelligencia e da sua vontade inquebrantavel pelo progresso moral e material d'essa cidade que lhe foi berço, tão justamente activa dos seus titulos de civismo. Seria, pois, um acto que a honraria, uma divida de gratidão, o levantamento d'uma estatueta, ainda que modesta, á memoria d'esse urgente luctador, que a morte veio surprehender no principio da sua carreira gloriosa.

Portugal, mal desembaraçado dos tempos medievales, necessitou do exame de tres seculos para fazer justiça ao seu filho mais dilecto—o Principe dos Epitos.

Aveiro, que segue na vanguarda da moderna civilisação, pôde prescindir do exame de tres annos para declarar seu benemerito Fernando de Vilhena, um dos seus filhos mais distinctos da idade contemporanea.

dotando-se a si propria com um acto que a nobilita.

A' illustre e distinctissima Redacção d'este conceituadissimo jornal, a quem mais de perto tocou a perda do mallogrado vulto que hoje pranteio e a quem devo uma impagavel divida de reconhecimento, renovo doridamente a minha profunda condolencia n'este tristissimo anniversario de pezar, de luto e de saudade.

ALVAIZARE.

ABELLO ALBAÑO DE LIMA DUQUE.

TYSICOS!

A tua sombra só! A côma Secca, a ranger. Face terrena, Com labios roxos eôr da póma. A côr violacea da gangrena...

Sinto ranger d'osso a espaço, Os grandes ossos salientes, E a carne tem o suor baço, Das febras más, igneus, ardentes.

Se nenco a lua anda a boiar, No grande Céu silencioso, Sinto que vive o teu olhar, Pois se alvanta no Céu, piedoso.

Alma sem luz, alma doate, Contador vivo e que está mudo, Que há de atirar-te brutalmente, A' fria meza e no frio estudo.

Al! quem me dura ir arrancar-te A' fria mão que aperta a tua! Como heide, pois, sciencia, amar-te Se és tudo e eu vejo-te tão nua?

Tosse! E torax secco e molle Range, caverna apodrecida, Atira-o breve á Terra, ao Sol, O' tosse, strongillo da Vida!!

Tambem a ti, Fernando amigo, Alma luar, Alma-leão... A morte abruite-o seu postigo E tu entraste a escuridão...

Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico! Tyrico!

das, e a sua penna elegante já não corre vertiginosa no papel, para nos transmitir os seus pensamentos, artisticamente burilados.

Mas resta-nos a sua memoria, arreolada pela solemne consagração d'uma apothese, e a saudade, que cada vez é mais profunda e infinita!

FRANCISCO DE MAGALHÃES.

Já lá vai um anno! E comtudo, ainda a memoria d'esse morto illustre, d'esse combatente audaz, scintilla na alma dos que o estremeram e dos que o admiraram com um fulgor esplendido!

O quanto elle luctou e soffreu, já o dissemos. N'essa occasião, porém, a critica era annuvida pelas tristezas d'uma desgraça; agora que a reflexão venenosa o sentimento, já se pode fazer o estudo d'esse talentoso rapaz, que, se teve alguns defectos, tambem tinha muitas virtudes.

Para longe a paixão hedionda d'uma politica reles. Sejamnos, sobretudo, francos e leaes. Que nos importa a nós que Fernando de Vilhena fosse progressista ou regenerador, monarchico ou republicano? Acaso o talento necessita de diploma de filiação politica?

O que só nos habituamos a ver em Fernando de Vilhena foi o rapaz alguntanto leviano e perfeitamente bom, o jornalista talentoso, o defensor dos pequenos, o propagador energico violento dos seus principios, que tom por baze a ordem e a independencia.

Ninguém que possua um pouco de senso e que lance uma vista clara sobre a sua vida, poderá contestar isto.

Raras vezes, com effeito, por uma precipitação do seu temperamento, e tambem por um falso golpe de visão, Fernando de Vilhena resvalava em incoherencias palpativas. Comtudo, aqui mesmo, sobre esses planos de fragil apoio, elle era notavel na argumentação, apurado na linguagem, forte nas conclusões. Era, finalmente, um jornalista de primeira ordem.

Pena foi que a sua personalidade se estiolasse nos estreitos limites d'uma terra provincial, onde a má-língua é o accipie mais delicioso, e a inveja o recreio mais predilecto.

A sua imaginação ardente e irrequieta ambicionava, certamente, um mais amplo horizonte, onde pudesse espangar á vontade as azas douradas da sua phantasia de sincero artista.

Assim, não passou da mesquinhez que offerece uma vida jornalística de quarta ordem.

Que as saudações extemporaneas d'esta terra esquecida formem em torno da sua memoria saudosa a luminosa aureola, que circunda a fronte dos mais dedicados filhos d'Aveiro.

De novo voltam a abeirar-se do seu tumulo todos os admiradores do seu formosissimo talento e do seu bello coração! De novo voltam todos os seus amigos a visitá-lo na ultima morada, onde esse pobre e desditoso rapaz dorme docemente o sono eterno, embalado pelo gorgoejo das aves e pelo perfume das flores.

Faz hoje um anno que Fernando de Vilhena, exhalava o derradeiro alento, envolto n'uma nuvem de lagrimas e de suspiros! Faz hoje um anno que, na sua alegre vivenda, perto da nossa adornada ria, que elle tanto amou, se despediu para sempre de todos quantos na terra viam n'elle um filho extremoso, um irmão dedicado, um modelo exemplar, um paal amantissimo, um amigo sincero e leal e um cidadão prestimoso e benemerito.

E n'esse momento lugubre e triste, mal imaginaria o grande escriptor que, da sua passagem, deixava um rasto tão brilhante e tão luminoso que jamais se extinguiria! E' que Fernando de Vilhena era modestissimo e com tanto desinteresse e abnegação praticava qualquer acção boa e generosa, que nunca mais se tornava a lembrar d'ella e chegava até a ser injuncto com a historia, acreditando que ella riscada das suas paginas d'ouro um nome que, embora a inveja tente ainda hoje amesquinhar, lá hade figurar sempre como uma gloria da nossa terra!

Se assim não fosse, não teria este bom povo e sagrado á sua memoria os mais eloquentes homenagens de respeito e de admiração, homenagens que vivem ainda e continuarão a viver no espirito de todos.

Os altares que se lhe erguem são a prova firantissima de que elle foi um vulto proeminente no nosso paiz.

E era-o na verdade.

Podia muitas vezes errar, podia ser muitas vezes injusto, mas o que é indisputavel é que Fernando de Vilhena era talentoso, e estava sempre ao lado do fraco e do opprimido, contra o forte e o oppressor, e sempre prompto a batalhar, como poucos, contra o despotismo e contra as prepotencias, partissom d'onde partissom.

Por isso o morto illustre foi, durante toda a sua vida, alvo dos mais grosseiros ataques e victimas das mais cruéis violencias. Mas nem por isso, através de mil contrariedade e de mil privações, elle arredava um passo sequer do caminho que a luz do seu espirito e os dictames da sua consciencia lhe aconselhavam a seguir.

Fernando de Vilhena não trabalhava, não se sacrificava, não luctava para defender uma causa sua. Defendia só e unicamente a causa publica, a causa do povo, e esse era o seu maior defeito. E tomou muitas vezes de apreciar as coisas e os homens da nossa terra, provocava da parte dos adversarios uma guerra terrível, esmagadora, mas o energico e brilhante polemista não abandonava o campo, fugindo cobardemente. Era exactamente essa guerra que, por ser injusta, mais o animava e chamava para a lucta, porque tinha a consciencia de que eram sempre alevantadas e dignas as causas que defendia e de que era desvelado patrono.

Mas no meio d'esse tiroeiro reles, em que o glorioso extinto era alvo, restava-lhe ainda e resta-nos hoje a nós a sorridente consolação de que, alguns dos seus inimigos faziam inteira e completa justiça a sua intelligencia, ao seu estudo, ao seu saber e ao seu amor pelo trabalho!

E a prova eloquentissima do que avançados está nas homenagens prestadas á sua memoria.

Vimos ali o seu funeral, onde todos compareceram sem distincção de côres. Estivemos á beira do seu caixão e vimos com orgulho, que entre alvos dos seus amigos, que em phrase sentida e recordada do lagrimas exaltavam as suas acrisoladas virtudes, se destacára, não dizemos um inimigo de Fernando de Vilhena, porque o symbolico cavalheiro a que nos referimos não tem inimizado a ninguém, mas um adversario politico, que, abando a sua bandeira, rendia ao saudoso finado a mais intima e sincera demonstração da sua amizade. Entendeu o illustre adversario e com applauso de todos os que sabem comprehender o seu dever, que diante da morte tudo esquece. E o elogio que lhe ouvimos fazer a Fernando de Vilhena é a sua maior e mais merecida apothese!

Mais tarde presenciamos as sumptuosas exequias, que os seus amigos da Beira-Mar lhe fizeram auxiliados por toda a cidade, e a esse acto, que attestou d'uma forma firantissima o apreço em que Aveiro tinha os seus merecimentos, concorreram todas as classes, sendo impossivel poder entrar-se no templo onde innumeras pessoas erguiam para o Céu as suas fervorosas orações, pedindo pelo eterno descanso do nosso desditoso amigo.

Mas Aveiro não quis ainda acabar ali de saudar a sua divida! Foi mais além. Depois de terminado o acto religioso, formou-se um enorme cortejo, e ao meio de muitas cordas, foi a caminho do cemiterio prestar mais uma homenagem áquelle que na terra fora um dos seus melhores amigos.

Não se descrevem facilmente as scenas de lagrimas e de commoção, a que ali assistimos; tão grande era a dor que dilacerava a alma d'uma cidade inteira, que chorava a perda d'um dos seus filhos mais dilectos.

E' ainda preciso acrescentar que, a par de tudo isto, foram rezadas immensas missas a expensas dos seus amigos e de algumas Irmandades, affluindo sempre a esses actos religiosos grande concorrencia.

E' passado um anno, sem que do nosso espirito desapareça um instante só a imagem querida de Fernando de Vilhena, cá estamos outra vez, de joelho em terra, pedindo a Deus por elle e pelos filhinhos, que tão novos ficaram sem paiz.

Aveiro, 14—Junho—92.
SILVERIO A. BARBOSA DE MAGALHÃES.

ENTRE TUMULOS (PER SILENTIA NOCTIS)

Quando o meu corpo, ó Céu, meu corpo frio, inerte, Auertillado já e pelo no caixão, Rôe servio do biuqueio aos vermes d'este chão, Despedi todos o amor que os restos tuar verte E, pedindo, então, o campo d'armonia Recolher-vos do azul que encanta docemente E as estrelas gentis soltas a luz radente (Quo tanto sousou minha alma na agonia! Seja a morte formosa, e os ventos gemedros Não perturbem então o fim do meu viver! Nunca mais saberei, meu DEUS, o que é soffrer! Nunca mais sentirei o cruciar das dôres!

Porto—Junho de 92.
ALVES D'AZEVEDO.

«Uma boa morte, honra toda uma vida.» Ao despedir-se para sempre do seu agitado viver, ao soltar agonizante o adeus angustioso e triste, no momento supremo de terrível separação eterna, ao desprender o seu espirito brilhante do corpo minado pela doença invencível, na hora extrema em que a palavra, já quasi sumida, não falseia o pensamento prestes a extinguir-se, Fernando de Vilhena reaguarda, ha hoje precisamente um anno, a ultima pagina da historia da sua vida com um epilogo verdadeiramente digno e sympathico.

Nos suspiros do moribundo, havia acentos de melancolia profunda, de peregrina resignação. As suas preces derradeiras, as intimas manifestações da sua alma bondosa, onde transpareciam os mais bellos sentimentos d'aquelle coração generoso e muitas vezes, injustamente aquilato, foi o termo singular mas honroso da aureolada existencia de Fernando de Vilhena.

Aveiro—Junho de 92.
EGBERTO MESQUITA.

E' hoje o 1.º anniversario do infamto passamento d'um vulto sympathico, que na terra se chamou Fernando de Vilhena.

Não serei eu, um dos mais obscuros filhos d'esta terra, que aqui venha relembrar os seus dotes como cidadão, como escriptor distincto, como poeta exímio, como dramaturgo famoso e como jornalista elegante e de combate. Não serei eu, repito, porque se encarregado d'essa missão os mais fervorosos e salientes apóstolos do augusto sacerdotio da imprensa.

um bafejo da sua bondade celeste para os que na terra deixaste e que tão caros te eram.

Aveiro 15 de junho de 92.

JOSÉ DA MAIA JUNIOR.

Decorridos tantos annos quantos os dias que se succedem após o teu passamento, não se amortecerá a saudade que hoje tão viva nutro.

A tua memoria unificou-se com a minha existencia.

Terminará aquella, quando acabar esta.

Ovar—Junho de 1892.

A. CESAR DE BRITO.

Hoje, que exactamente um anno decorrido nos separa do malogrado e illustre extinto Fernando de Vilhena, impõe-nos o dever, dever de gratidão, como seu admirador e contemporaneo, que, sem assumos de lisonja—porque os mortos já não careceram d'ella—digamos que a sua morte foi para Aveiro uma das grandes perdas porque n'estes dardadeiros annos tem passado!

Podendo, em prol d'um futuro brilhante, a que os seus merecimentos lhe davam direito, pôr-se ao lado dos grandes, preferiu votar á causa dos pequenos e seu esforço, a sua dedicacão, a sua brilhante penna e o seu gentilissimo coração, quer redigindo artigos para o *Campêdo das Províncias*, quer dirigindo o *Parlamento* e a *Beira-Mar*, duas obras tão incomparavel redactor e proprietario.

Como pertencente á moderna geração, foi um homem de grandes merecimentos e de privilegiado engenho. Foi o que se chama um homem fino. Se vivesse, as suas raras qualidades, por força, haviam de outorgar-lhe uma posição brilhante e a felicidade que merecia. Para isso, havia de elle do estreitissimo meio em que viveu, porque este contrastava com a grandeza do seu magnanimo espirito. Este era tão grande que, semelhante á audaciosa aguia, necessitava d'um espaço enorme, d'uma região immensa, para poder adejar, distender-se, subir, subir muito, subir muitissimo até poder cahir, extenuado, mas triumphante, pela causa da Patria e da regeneração social!

Se a estreiteza do espaço, que n'este excellentissimo jornal me está hoje destinado, o permitisse, eu daria aqui os topicos principaes para que os bons escriptores fizessem da curta, mas assignalada vida de Fernando de Vilhena, um grosso volume, um admiravel poema de heroidade e de abnegação.

Como marido e como pae, Fernando de Vilhena presta-se a ser igualmente admirado. Ai! quantas vezes elle provou quanto era devotado á familia! Quantas vezes elle deixou de prover-se de que necessitava para não desgostar a estremecida esposa nem prejudicar os tenros filhinhos—dos quaes cuidava com uma rarissima dedicacão! Mas peço licença para não proseguir n'esta ideia, porque ella me traz ao espirito a desalentadora convicção de que Fernando de Vilhena, se viveu pobre, se teve necessidades e se morreu cedo, foi por viver no exiguo meio em que nasceu, onde as luctas politicas se ferem até se enterrar o punhal obrobrosco, o bisturi maligno na vida privada de cada qual, resultando d'esse maldito systema, senão um envenenamento immediato, a consumpção, o desalento, a tristeza, e, como epilogo, a morte prematura de um ente que faz falta. E isto mesmo foi o que aconteceu a Fernando de Vilhena, por desgraça para si, para todos os seus e para a sociedade optimizada, que tanto necessitava do seu esforço e do seu poderoso valimento como jornalista destemido e como cidadão amantissimo do povo.

Em todas estas verdades de sangue, ninguém veja uma palavra, sequer, de imerecido elogio. O que digo, affirmo-o com a convicção de realidade, e com a experiencia que resulta do perto de 20 annos de estreitas relações.

Pobre Fernando! Ao mesmo tempo que o teu, outra querido *Campêdo*, onde tão bem escreveste e te evidenciava um polemista energico e um escriptor de raça, te presta esta espontanea homenagem, que tanto merecestes, eu, com as palmeiras humedecidas, deponho sobre o teu athlético, encerrado alli no cemiterio e n'uma modesta capella—como modesto tu foste—este preito de immortdorada saudade.

Que o Senhor te cubra de tantas bênçãos, como de lagrimas enxugadas, de consolações promoveste e de batalhas feriste em defesa da humanidade opprimida! Foste um genio!

Aveiro, 15 de junho de 1892.
ANTONIO MARIA MARQUES VILLAR.

Decorreu um anno depois da morte de Fernando de Vilhena!

Então do seu raudo da sombra multidão, diz um homem vigoroso: —Vou eu comtigo, patrão. E' muito mar, certamente, e de mais... anda vazeiro, e corre ali abaixo um curruco... e mas... manda?—vamos p'ra frente.

A este um outro acompanhava, seguem outros, mais... e mais... Forma-se a grande companhia de que o mais bravo é arraes. Após isto a população segue da praia o caminho, enquanto que o redemoinho do casco a alheta espedaga.

Passada mais d'hora e meia vinha um barco quasi novo, por sobre as lombas d'aria puchado por bois o povo. Chegou em frente do mar, vira então a praça ao mar. A gente rompe a chorar... Ai! era um quadro sombrio!

—Deixae p'ra logo esse pranto, que não há tempo a perder! —Se o mastro caher entretanto, que vamos nós lá fazer?! —Deixae-me ficar contente, com a consciencia e comigo, e tomando o lugar do perigo e entre este grupo valente,

quem beija os nossos filhinhos e os fractos do bom, patrão, e quem lhes dá mimos e carinhos e os farta sempre do pão, e cobra essa divida agora, e Temos aqui muita gente; e o patrão, que é mais valente e de-nos coraagem de fôr.

As mães, as tristes chorosas, trazendo ao collo os filhinhos, estrojavam dolorosas contra o seo os pobrezinhos, e—Meu filho, gritava uma e se elle vao, não temos mais e quem nos oiga os tristes ais! —Fica-nos morto entre a espumal e

Um anno! E n'este espaço de tempo, que é nada perante a eternidade e que é muito perante o limitado da vida humana, quantas saudades para a familia e para os amigos do extinto, e quantos desganhos para muitos dos que o conheceram!

Fernando de Vilhena tinha muita intelligencia; uma superior facilidade em escrever; uma espontaneidade no fallar, entrando bem em todos os assumptos, xpremiendo-se com naturalidade e argumentando com lucidez pouco vulgar.

Era extremoso por seus pais e com respeito fallava d'elles. Estimava seus irmãos, e, na convivencia com elles achava um prazer indescritivel. Defendia verbalmente e por escripto aquelles que reputava seus amigos. E isto era ás vezes com tanta franqueza e lealdade, que não attendia á perda dos proprios interesses e do socego do seu espirito. O seu amor para com os filhinhos chegava a ser tão delirante, que era quasi uma loucura.

Amava extraordinariamente sua esposa.

Em 1868 fallecera uma pessoa muito a minha proxima parente, para cuja causa Fernando de Vilhena ia quotidianamente, desde que principiou a balbuciar as primeiras palavras.

Talvez por essa muita familiaridade ou por me ouvir dar a essa pessoa o tratamento de filha (pois o era), tambem elle lhe dava igual tratamento.

Na tarde do dia em que ella falleceu, (quasi repentinamente) voltava Fernando de Vilhena da aula e recebeu aquella triste noticia. Não o quiz acreditar e pediu, que lhe fosse concedido o ir pessoalmente certificar-se da verdade. E foi.

Logo que viu o cadaver da que elle tratava por thia, rompeu n'um choro suffocante, como poucas vezes se vê em muitas pessoas, ainda por occasião da morte dos que lhe devem ser caros pelos laços do sangue.

Fernando de Vilhena tinha então apenas dez annos. E este facto bem prova, que o seu coração era admiravelmente bem formado.

Alguem quererá suppor isto unicamente um effeito da sensibilidade de creança. E' possível. Creio, porém, que não me engano, por que, Fernando de Vilhena, até á sua morte, fallava sempre da sua thia com respeito e com saudade, e mais de uma vez ao fallar d'ella, vi assomar-lhe algumas lagrimas, que não tenho razões para deixar de crer muito sinceras!

Mas basta!

Não tenho agora escrever a biographia de Fernando de Vilhena, mas unicamente desfolhar uma saudade á sua memoria immaculada, elevar ao Céu uma prece por sua alma, e recordar o primeiro anniversario da morte de um amigo, de quem nunca recebi uma prova de desconsideração e que nunca me causou um unico desgosto.

RANGEL DE QUADROS.

MONTE E DOR

A MEMORIA DE FERNANDO DE VILHENA

Tu eras-te esquelética e tremante, envolta em negro manto de dor, teu peito glacial não sente o amor, nem um raio de luz que o alimante.

Arrebatas com mão omnipotente, sem que te impugne o aligido torpor, almas queridas, vidas tuas em fôr, e deixas-nos saudade, triste e ingenuo.

Largas se desamparou, á orphanidade, sem que te morra amor nem caridade, corações puros, rosas em botão.

Tudo rousas, carinhos e esperanças, sorrisos, primavera e ceo azul, e só deixas a dor ao coração.

Aveiro, junho de 92. FERNANDO DE SOUZA.

Sem ainda o sópro arido da saudade ter varrido da aligez do tumulo o ultimo pó d'um cadaver; ainda mal enxutas as lagrimas de dor verdadeiras sobre o atauda d'um martyr do trabalho e do infortanio, cuja falta hoje e sempre pranteamos, já a interminavel machina do tempo nos aponta no grande relógio da vida o primeiro anniversario luctuoso do passamento de Fernando de Vilhena, trazendo-nos á memoria correlações intimas de magua e sentimento repassadas de dor.

Foi a 15 de junho de 1891, dia duplamente doloroso para Aveiro, que se desprendeu da vida aquelle que n'ella tinha todas as suas esperanças e que no florir da mocidade baixou o tumulo, deixando familia e amigos, que tantas vezes feriste em defesa da humanidade opprimida! Foste um genio!

Aveiro, 15 de junho de 1892.
ANTONIO MARIA MARQUES VILLAR.

Decorreu um anno depois da morte de Fernando de Vilhena!

Então do seu raudo da sombra multidão, diz um homem vigoroso: —Vou eu comtigo, patrão. E' muito mar, certamente, e de mais... anda vazeiro, e corre ali abaixo um curruco... e mas... manda?—vamos p'ra frente.

A este um outro acompanhava, seguem outros, mais... e mais... Forma-se a grande companhia de que o mais bravo é arraes. Após isto a população segue da praia o caminho, enquanto que o redemoinho do casco a alheta espedaga.

Passada mais d'hora e meia vinha um barco quasi novo, por sobre as lombas d'aria puchado por bois o povo. Chegou em frente do mar, vira então a praça ao mar. A gente rompe a chorar... Ai! era um quadro sombrio!

—Deixae p'ra logo esse pranto, que não há tempo a perder! —Se o mastro caher entretanto, que vamos nós lá fazer?! —Deixae-me ficar contente, com a consciencia e comigo, e tomando o lugar do perigo e entre este grupo valente,

quem beija os nossos filhinhos e os fractos do bom, patrão, e quem lhes dá mimos e carinhos e os farta sempre do pão, e cobra essa divida agora, e Temos aqui muita gente; e o patrão, que é mais valente e de-nos coraagem de fôr.

Enaltecer as suas primorosas qualidades, o seu talento, as scintillações do seu espirito, o seu martyrio e resignação; dizer que ao puro e affectuoso amor da familia allia a franca lealdade e para os amigos do extinto, e quantos desganhos para muitos dos que o conheceram!

Fernando de Vilhena tinha muita intelligencia; uma superior facilidade em escrever; uma espontaneidade no fallar, entrando bem em todos os assumptos, xpremiendo-se com naturalidade e argumentando com lucidez pouco vulgar.

Amava extraordinariamente sua esposa.

Em 1868 fallecera uma pessoa muito a minha proxima parente, para cuja causa Fernando de Vilhena ia quotidianamente, desde que principiou a balbuciar as primeiras palavras.

Talvez por essa muita familiaridade ou por me ouvir dar a essa pessoa o tratamento de filha (pois o era), tambem elle lhe dava igual tratamento.

Na tarde do dia em que ella falleceu, (quasi repentinamente) voltava Fernando de Vilhena da aula e recebeu aquella triste noticia. Não o quiz acreditar e pediu, que lhe fosse concedido o ir pessoalmente certificar-se da verdade. E foi.

Logo que viu o cadaver da que elle tratava por thia, rompeu n'um choro suffocante, como poucas vezes se vê em muitas pessoas, ainda por occasião da morte dos que lhe devem ser caros pelos laços do sangue.

Fernando de Vilhena tinha então apenas dez annos. E este facto bem prova, que o seu coração era admiravelmente bem formado.

Alguem quererá suppor isto unicamente um effeito da sensibilidade de creança. E' possível. Creio, porém, que não me engano, por que, Fernando de Vilhena, até á sua morte, fallava sempre da sua thia com respeito e com saudade, e mais de uma vez ao fallar d'ella, vi assomar-lhe algumas lagrimas, que não tenho razões para deixar de crer muito sinceras!

Mas basta!

Não tenho agora escrever a biographia de Fernando de Vilhena, mas unicamente desfolhar uma saudade á sua memoria immaculada, elevar ao Céu uma prece por sua alma, e recordar o primeiro anniversario da morte de um amigo, de quem nunca recebi uma prova de desconsideração e que nunca me causou um unico desgosto.

RANGEL DE QUADROS.

MONTE E DOR

A MEMORIA DE FERNANDO DE VILHENA

Tu eras-te esquelética e tremante, envolta em negro manto de dor, teu peito glacial não sente o amor, nem um raio de luz que o alimante.

Arrebatas com mão omnipotente, sem que te impugne o aligido torpor, almas queridas, vidas tuas em fôr, e deixas-nos saudade, triste e ingenuo.

Largas se desamparou, á orphanidade, sem que te morra amor nem caridade, corações puros, rosas em botão.

Tudo rousas, carinhos e esperanças, sorrisos, primavera e ceo azul, e só deixas a dor ao coração.

Aveiro, junho de 92. FERNANDO DE SOUZA.

Sem ainda o sópro arido da saudade ter varrido da aligez do tumulo o ultimo pó d'um cadaver; ainda mal enxutas as lagrimas de dor verdadeiras sobre o atauda d'um martyr do trabalho e do infortanio, cuja falta hoje e sempre pranteamos, já a interminavel machina do tempo nos aponta no grande relógio da vida o primeiro anniversario luctuoso do passamento de Fernando de Vilhena, trazendo-nos á memoria correlações intimas de magua e sentimento repassadas de dor.

Foi a 15 de junho de 1891, dia duplamente doloroso para Aveiro, que se desprendeu da vida aquelle que n'ella tinha todas as suas esperanças e que no florir da mocidade baixou o tumulo, deixando familia e amigos, que tantas vezes feriste em defesa da humanidade opprimida! Foste um genio!

Aveiro, 15 de junho de 1892.
ANTONIO MARIA MARQUES VILLAR.

Decorreu um anno depois da morte de Fernando de Vilhena!

Então do seu raudo da sombra multidão, diz um homem vigoroso: —Vou eu comtigo, patrão. E' muito mar, certamente, e de mais... anda vazeiro, e corre ali abaixo um curruco... e mas... manda?—vamos p'ra frente.

A este um outro acompanhava, seguem outros, mais... e mais... Forma-se a grande companhia de que o mais bravo é arraes. Após isto a população segue da praia o caminho, enquanto que o redemoinho do casco a alheta espedaga.

Passada mais d'hora e meia vinha um barco quasi novo, por sobre as lombas d'aria puchado por bois o povo. Chegou em frente do mar, vira então a praça ao mar. A gente rompe a chorar... Ai! era um quadro sombrio!

—Deixae p'ra logo esse pranto, que não há tempo a perder! —Se o mastro caher entretanto, que vamos nós lá fazer?! —Deixae-me ficar contente, com a consciencia e comigo, e tomando o lugar do perigo e entre este grupo valente,

quem beija os nossos filhinhos e os fractos do bom, patrão, e quem lhes dá mimos e carinhos e os farta sempre do pão, e cobra essa divida agora, e Temos aqui muita gente; e o patrão, que é mais valente e de-nos coraagem de fôr.

em tão verdes annos, deixando inconsolavel uma viuva e na orphanidade quatro tenras creancinhas.

E' triste e muito triste recordar os que mais de perto viveram conosco, mas é um alivio para a alma dos que respeitam a verdadeira amizade, que, parece, nem o tumulo é capaz de extinguir!

A lousa do sepulchro cobre os restos dos que mais estimámos, mas não nos deve fazer esquecer os que mais nos acompanharam nas melhores epochas da vida.

Martyr do trabalho, Fernando de Vilhena lidou como poucos na obra geral da civilização, deixando atraz de si um rasto luminoso que o tempo não apagará facilmente, porque os seus escriptos não attester sempre a sua robusta intelligencia e a sua grande actividade.

No Céu esteja a sua alma, e na terra a felicidade bafeje essas loucas creancinhas, que elle tanto amou e estimou.

Paz á tua alma.
Aveiro.

ERNESTO LEVY.

Tristes e bem tristes são todas as recordações do passado; quer ellas nos fallem dos prazeres gentis da nossa mocidade, quer da memoria d'aquelles a quem davamos o doce nome d'amigos.

Saudade indelevel, que constantemente nos conturba o espirito e nos faz chorar o coração, porque o coração tambem chora. *Etiam cor luctet.*

E hoje, triste anniversario da morte d'um amigo que eu tanto admirava pela nobreza do seu coração, aqui venho tambem a esta grandiosa epopeia de lagrimas, entregar o meu pranto, a minha saudade, o meu triste pensar.

E vós, illustre conselheiro, sr. Manuel Firmino, e vós, ex.^{ma} sr.^a D. Maria Arrabida de Vilhena, e vós, espasas e irmãos queridos d'esse grandissimo coração, deixae-me penetrar n'esse grande pandemoinho do Nada, para entregar a flor de saudade áquelle que eu tanto estimo na vida.

Mesquinha é a minha offerta, mas grandiosa na sua essencia.

Quem pôde avaliar a extensão da minha dor n'este momento, tão angustioso para mim, que vejo fugir-me para além-tumulo os entes mais queridos da minha vida?

Tu, Fernando, no pleno vigor da existencia, na exuberancia de toda a espiritalidade e de vitalidade, que dão ao homem todo o seu fogo generico, potente, viril e fructifero, e que desceste á gelidez d'uma sepultura. Para ti não houve mocidade, nem o outomno da vida!

No grandioso empenho de seres util aos que de ti precisavam, colheste os germes da fatal doença, que te deu a morte.

O mar era para ti um encanto, e esse encanto, como os fomentidos prazeres da vida, depressa te cavou a sepultura.

Um heroe! Um martyr! A lucta entre o dever e a morte! Cahiste! Os cedros do Libano tambem caem!

Hoje de ti só resta a tua memoria, e n'este dia todos veem depór na tua gelida morada o preito da mais viva saudade.

Recebo tambem um desses sentimentos que não há linguagem que o traduzia—porque a linguagem das lagrimas só se comprehende no Céu—e que te envio o teu amigo

Faldas do Bussaco—Junho de 92.
HENRIQUE DA CUNHA.

Que tristes e individaveis recordações nos traz este dia? Foi durante os seus bafejos a morte nos arrebatou a preciosissima existencia de Fernando de Vilhena, esse luctador andaz e destemido, que na vereda da geração nova tão illustre nome conquistou. O sol que se erguera no levante trazia a triste nova, e ao beijar as espumas de neve do oceano, deixava no seu império o luto e a desolação. Tinha deixado de existir um filho, um pae, um esposo, um amigo, e um preciosissimo cidadão, que allava nos dotes de uma alma pura a comprehensão-nítida do dever.

Aveiro, a Vozes de Portugal, recordando hoje o dia infunsto, e comemorando-o, cumpre um sacratissimo dever de gratidão para a veneranda memoria do glorioso extinto.

E nós, escrevendo estas linhas, prestamos devida homenagem ao amigo e mestre.

Anadia—Junho de 92.
ARTHUR DE CAMPOS.

Como preceptor e amigo, tambem me quero associar aos que hoje, lavagados por um nobre sentimento, comemoram o passamento de Fernando de Vilhena, d'esse primoroso jornalista, a 15 de junho de 1891 a morte ceifou

—Pae, meu pae, não vás perder-te, e não fujas dos braços meus! —Ai! se eu não torno a vê-te, e que ha de ser de mim, meu Deus! —Não corras assim ao perigo. —Para desgraça, basta aquella. —Não vás tu engrandecendo, e deixando um lar sem abrigos.

E enquanto os seus sentidos andam na praia—pestando, vfo os bravos, destemidos, dentro do barco saltando. Parteu as vagas primorosas na patilha resistente; e ao peso da tanta gente vfo rangendo as rochas.

Não leva falta a romagem, não falta força aos caubões; mas vêr de perto a voragem, sempre choca os corações. Está tudo prompto na borda. Vão bravo o barco largar: —E' dar-lhe fôrça, e samar fôrçando na roda a corda.

E o barco vfo lentamente pela agua oscorregando, até que o mar, de repente por sobre a praça estorvado, deixa no impulso primeiro os romos sem força o vida, levando-nos a vaga arguida até ao mar do curruco.

goroso, poeta de merecimento inconsolavel, jornalista distincto, dramaturgo de primeira plana, cultor applicadissimo de sciencias.

A sua passagem pela terra deixou um fulgurante rasto luminoso, que o tempo não osará consumir nunca, e antes fará por conservá-lo cada vez mais vivo e mais brilhante.

Soffrendo como um martyr, luctou como um heroe.

E' porisso que hoje se lhe lembra o nome, e a prece se lhe consagra á memoria veneranda.

Que a sua alma generosa e bondesca agora no regaço de Deus, como repousa tranquilla na escuridão triste do sepulchro o seu vulto magestoso. Que a suprema vontade omnipotente illumine do Céu os que deitoux na terra presos do seu amor, como os seculos respeitão o seu coração d'ouro, que só pulsou pela patria e pela humanidade.

Junho de 92.
HENRIQUE RODRIGUES LEMAS.

ENTRE GOIVOS

DOR!

(AOS SEUS AMIGOS)

Fernando de Vilhena é morto ha um anno! Choremos sobre o pó da campaa sua, não o seu nome, que á historia perpetua, entre outros soos, no relicario humano,

lovenos até Deus! E o som profano da terra apothoseo, em que fluctua, troqueiros pela magua immensa e crua do nosso sentimento atroz e insano.

Barco ancorado n'um sereno porto, não abre a vela á fresca brisa amena; que faz galliar e que em mar alto corra.

Suffragios de christos só pede um morto, não quer lauros Fernando do Vilhena; prantos e preces só requer quem morre!

GRATIDÃO!

(A SUA TERÇA)

Mas por sómento o pranto amigo ser grato ao finado, nem por isso devo a patria d'ell, que possui de leve, agarrar-lhe as honras a que jus tiver.

A mão que perde um filho querido, fêre os ares com gritos sobre o chão do nevo; que Aveiro perpetua a vida breve dos filhos prodigiosos que perder.

Fernando de Vilhena foi seu filho: dou-lhe honra, lustro e consagração a vida, descança no seu seo a faz livida.

Não se extinga na patria o doce brilho d'essa memoria gloriosa e querida, erga-lhe, Aveiro, um monumento—é dividal!

João de Deus.

O nome de Fernando de Vilhena é hoje um symbolo. Representa a historia da nossa terra uma grande individualidade que se perdeu, mas que o tempo e o espaço perpetuarão na tradição dos povos.

15 de junho de 92.
JOÃO DE MORAES MACHADO.

Mais uma prece e uma lagrima, pungentes como a dor, e será esta a mais augusta consagração de respeito e de saudade á memoria immaculada do que nos foi na terra o mais leal, o mais nobre, o mais sincero e o mais desinteressado dos Amigos.

Uma prece que traduz toda a nossa gratidão, e uma lagrima que significa todo o nosso amor.

Junho de 92.
O QUADRO TIPOGRAPHICO DO «CAMPEÃO».

As scintillações fulgurantes do seu talento e os primores ineguaiveis da sua imaginação fecunda, firmados na grande obra da sua fertilissima acção intellectual, são a herança que legou aos filhos pequeninos.

Que Deus lhes illumine o espirito da mesma luz radiosa e formosissima, e que elles aprendam no exemplo das suas virtudes a lição que o desventurado pae não pôde chegar a dar-lhes.

15 de junho de 92.
MORAES PINTO.

Passa-se já um anno depois da morte de Fernando de Vilhena, e os negros crepes d'esse luto envolvem ainda nas trevas densas da saudade a terra que lhe foi berço, os amigos e a familia, por quem elle tivera sempre um entranhado affecto, e a quem sempre dedicou todo o seu amor grandioso, toda a sua dedicacão purissima, porque foi franco e leal como poucos o sabem ser.

Aveiro deve-lhe muita dedicacão, muito affecto, muitos e valiosos serviços. Era um argumentador robusto e vi-

Na praia o soffrer argumenta; vao um tumulto cruel, enquanto a custo ao aguenta na onda o fragil baixel. Atravez das escumeras, que espalha o cachilo na borda, do terra enpa-se a corda, estibando as rogedoiras.

E o barco volta de novo e enconta a ré sobre a areia. Entre os gemidos do povo, o peito do bravo ancoas. —Paros que o mar amansa, e agora, que o vento amansa, larga o barco, avta a faina, mas a maré não alcança.

Os prantos seccam com o tempo, é certo; mas as lições ficam prepetuadas na historia, e esta regista o nome dos heroes.

O de Fernando de Vilhena está alli, e a alma generosa dos bons filhinhos d'essa terra.

Madeira, junho de 92.
OLIVEIRA RAMOS.

Os formosissimos versos que hoje damos em folhetim, e que formam uma das pedras preciosas da sua bella corôa de poeta, são transcriptos do exemplar unico que nos legou, e que offerrou a seu venerando e estremecido Pae, o sr. conselheiro Manuel Firmino, por occasião do seu 57.º anniversario natalicio, como preito de sincera e respeitosa homenagem filial no grande rasgo de generosa heroidade praticada pelo nosso prezado chefe politico por occasião do naufragio do vapor *Nathalia*, na costa da Torreira.

Está escripto por seu proprio punho, e conserva-o esta redacção como uma das mais sagradas reliquias do seu grande affecto e da sua immensa gratidão.

E' uma obra, que ninguém mais do que nós conhece ainda, e que por isso mesmo trasladamos para aqui, hoje que o *Campêdo das Províncias* presta este singello mas merecido tributo de saudosissima gratidão ao seu chorado Redactor de tantos annos.

As suas obras

POESIA: *Murmúrios d'Alma* (aos 16 annos) 1875.—*O Crime de uma Creança*, poemeto, 1879.—*A minha Prenda*, poemeto, 1881.—*Os Juyrnais*, poema epico, parodia aos *Luziadas*, 188.

THEATRO.—*A Vingança d'um Poeta*, drama em 3 actos, 1874.—*Alberto*, o *Meadão*, drama em 3 actos, 1875. *Deus e o Destino*, drama em 4 actos, 1876, representado 6 vezes em Aveiro, 2 em Ilhavo e 2 em Ovar.—*O Anjo da Caridade*, drama em 4 actos, 1878, representado 8 vezes em Aveiro, 2 em Ilhavo, 2 em Ovar e 1 em Viança do Castello, e agora no Porto.—*A Lucta e o Triumpbo*, drama em 4 actos.

—*O Colar de Lucilla*, drama em 2 actos, 1877.—*Os Filhos do mar*, drama maritimo em 5 actos, 1878, representado 4 vezes em Aveiro.—*O Bom Pastor*, drama em 3 actos.—*O Escandalo*, drama em 2 actos.—*A mulher-homem*, comedia em 1 acto.—*A Zambuca na Gafanha*, parodia em 5 actos.

—*John Bull*, comedia em 1 acto, 1890, representada em Aveiro.

